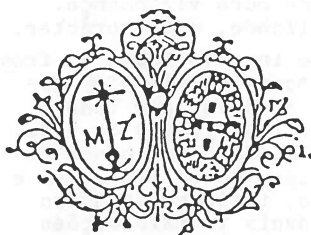


# BOLETIM

# INFORMATIVO

da

# MISERICORDIA do SARDOAL



Irmandade  
DA  
Santa Casa da Misericórdia  
DE  
SARDOAL

Publicação bimestral

# & EMBUSTE HIPOCRISIA

Uma das taras que muito tristemente deprimem e inferiorizam a nossa actual civilização perante as consciências ainda bem formadas é o conjunto de artifícios, de processos e meios fraudulentos que uma grande parte de nós, mais ou menos nos servimos para dar aos outros uma aparência daquilo que, na realidade, não somos.

A convivência social, especialmente nos centros considerados evoluídos e onde, por sinal, as desigualdades de condições e de culturas mais se acentuam é, hoje em dia, toda cheia de simulações, de convencionalismos, de mentiras e de hipocrisias, com que toda a gente, movida pela vaidade, pelo orgulho, ou acicatada pelo interesse, procura evidenciar-se como superiora àquilo que na realidade é.

O instinto da imitação, o jogo de interesses que se ocultam, os progressos desenvolvidos nos meios subtis e astuciosos que a imaginação e a inteligência inventaram para a arte de parecer bem e de agradar, de enganar e de ludibriar, a sugestão aliciente dos prazeres e dos modos de bom tom, a frequência cada vez mais notória dos meios e ambientes onde tudo é fingido, aparente e simulado, a ambição de triunfar na vida e ser admirado e invejado sem esforço - tudo isso nos leva à preocupação constante de patentear o que não valemos, o que não somos, o que não merecemos.

Nos tempos em que a vida era mais simples, embora mais dura, em que a convivência se concentrava predominantemente em volta do núcleo familiar, ou nas relações sociais mais confinadas ao bem da comunidade; - nesses tempos em que a nossa atenção e os nossos cuidados podiam incidir com mais justeza sobre os ditames da consciência e sobre o dever moral, porque não eram distraídos nem embotados pelas mil preocupações que hoje nos assediam, e em que a vida social era, pois, mais restrita e olhávamos mais para o interior das nossas almas, para a finalidade séria da nossa existência (que era mais simples, mais útil, mais fecunda, mais sã), as nossas relações de convivência no exterior não extravasavam muito para lá das normas de cortesia, de amizade de pura vizinhança.

Havia mais sinceridade, mais honestidade, mais carácter.

Mas, depois que o modernismo invadiu todas as fronteiras, as facilidades de comunicação proporcionaram todos os encontros e o estrangeirismo alastrou por toda a parte e nos trouxe outras e mais diversas formas de vida, mais confortáveis e agradáveis, incluindo novos passatempos e diversões, novas formas de gozar, novas sensações e novas frivolidades, tudo levou volta, incluindo o juízo dos homens - e entre muitas e deploráveis transformações sofridas, a vida familiar, a vida do lar, foi a mais atingida porque começou a ser considerada monótona, empachante, insípida e quase insuportável.

Iniciou-se, então, a fuga do lar, instituição basilar de uma sociedade forte e sã; em natural contraponto logo começou a deslassar-se o culto da família, pedra angular de uma sociedade bem constituída. Primeiro, foram os homens que fugiram, metendo-se pelos cafés, pelos clubes, pelos bares, logo a seguir pelas discotecas - centros de diversão propícios para todas as perturbações sociais; a seguir, foram as mulheres que se dispersaram, flanando pelas ruas, farejando botiques e lojas de modas, e espraidando-se pelos cinemas, pelas reuniões elegantes, incluindo passagens de modelos e outros encontros do "jet set" e de mundanismo social.

A vida social encaminhou-se, assim, do seio da família e dos locais de trabalho (que, na actualidade, ocupam pouco mais de meia dúzia de horas em cada dia de 24), onde só parcialmente se podem expandir as vaidades, o gozo dos prazeres e das sensações novas, para o materialismo, amorfo, balofo e cosmopolita dos grandes espaços - feiras de exibição, quase sempre, de toilettes de sensação e de joias de alto preço.

Se se perguntar à consciência o que ganhou para o seu património material ou moral, a resposta não pode deixar de ser frustrante e desoladora.

(Continua na pág 4)

## AMAR O PRÓXIMO

POR TODOS OS POBRES DO MUNDO

Senhor, ensinal-nos a amar-nos uns aos outros, a não nos contentarmos com amar os nossos ou aqueles que nos amam, mas a amar, antes de mais, os que não são amados.

Senhor, fazel-nos sofrer com a dor alheia.

Dai-nos, Senhor, a graça de compreender que em cada minuto da nossa vida, da nossa vida feliz e protegida por Vós, há milhões de seres humanos que são vossos filhos, que são nossos Irmãos, e que morrem de fome sem terem merecido morrer de fome, e que morrem de frio sem terem merecido morrer de frio...

Senhor, tende piedade de todos os pobres do mundo,

e perdoal-nos por os ter abandonado tanto tempo...

Não permitais, Senhor, que sejamos felizes sozinhos.

Dai-nos a angústia da miséria universal, e libertal-nos de nós mesmos.

RAUL FOLLEREAU

( O apóstolo dos leprosos )

## OBRAS NO LAR

Devido ao incremento que o movimento do LAR e do CENTRO-de-DIA vêm tendo, cada vez com maior afluência de pedidos de assistência, a Santa Casa meteu ombros a um alargamento de instalações, nomeadamente o aumento da área das cozinhas e lavandaria. São obras de certo modo vultosas, para as quais os eventuais subsídios das Entidades Oficiais não cobrem, nem de longe, os encargos das obras e as despesas complementares em nova maquinaria. Complementarmente haverá que ter em conta uma alteração para mais no quadro do pessoal.

O nosso concelho, não sendo muito grande em área geográfica tem, em estranho contraponto, uma taxa bastante elevada de idosos e de pessoas com grandes carências, uma vez que a população mais nova vem emigrando para os grandes centros, em procura de trabalho e de meios de vida mais facilitados. Infelizmente, alguns "esquecem-se" (ou fazem-se esquecidos) dos seus ascendentes que por cá deixaram sem meios de subsistência nem capacidade física para se poderem prover a si-próprios. O problema é mais crucialmente acentuado em algumas aldeias, conquanto a própria Vila não esteja imune, de todo, a semelhantes desmandos.

A Mesa Administrativa da Misericórdia é constantemente assediada por casos gritantes de dificuldades e privações e vê-se em apuros, tanta e tanta vez, para lhes ir dando solução adequada.

## ...do SARDOAL ANTIGO Ainda o FORAL de SARDOAL

O foral de SARDOAL, em que lhe é atribuído o título de Vila e, complementarmente, se lhe consignam todos os direitos e regalias de "Concelho", remonta a 22 Setembro de 1531 e foi outorgado por D. João III, em Évora -onde a corte se encontrava, então, em aposentadoria periódica.

Um lapso de composição, no último nº do nosso BOLETIM, indicava o rei como sendo D. João II -o que se deve considerar, pura e simplesmente, como um lapso accidental de composição gráfica.

Foi de uma completa surpresa esta deliberação do rei. Aliás, o próprio monarca entende esclarecer, no corpo do diploma, que tomou essa decisão de seu "moto próprio poder real", "sem os moradores do dito lugar de Sardoal nem outrem por eles lho requererem". Curiosamente, ainda, D. João III, algumas linhas antes, proclamava textualmente: "vendo eu o grande crescimento que, louvores a Deus se faz no lugar de Sardoal.....". Esclarece, pois,, que não age por informação de quem quer que fosse, mas pelo seu conhecimento directo:

E singularmente importante a referência a este pormenor uma vez que, da consulta feita a muitas dezenas de forais, concedidos por qualquer dos reis portugueses, se não encontra outra declaração semelhante e tão expressiva.

Sabe-se, entretanto, que aquele monarca aqui estanciou com a corte e, por isso, teve ocasião de conhecer directamente o meio e a população em geral. Não custa a crer que utilizasse para seu posuío o Paço que existia na Rua Velha (Centro Histórico, actualmente), cujas ruínas, já bastante delidadas pelos séculos, foram arrasaças cerca de 1900, quando se construiu o grande prédio de Francisco José Simões. Dizem os contemporâneos desta obra que os escombros das velhas paredes apeadas mostravam haver-se tratado de uma grande mansão senhorial, de vasta área, à qual estavam apendicadas diversas outras construções mais pequenas, talvez de recolha e aprovisionamento.

Tudo, porém, foi na voragem daquela eclosão de novo-riquismo, sem a salvaguarda camarária desses restos de um passado histórico. E parece, mesmo, que o mal já vinha de trás, pois numa parte dos terrenos já tinham surgido algumas habitações de particulares e a própria zona primitiva já fora largamente desfigurada, através dos tempos.

A referida carta de foral, ao mesmo tempo que atribuía o título de Vila, promove, outrossim, a povoação a Concelho e desmembra-o, por isso, da então Vila de Abrantes "para todo o sempre", configurando-lhe limites geográficos próprios e "jurisdição apartada", com "juizes, vereadores, procurador e outros oficiais do concelho". Muito expressivo é, ainda, o modo como o Rei encerra o seu preceituado, ordenando deste modo singular: "em cousa alguma nem por maneira alguma reconheçam nem obedecam à dita Vila de Abrantes porque assim é minha mercê":

Mais clara e precisa objectividade do que a deste ordenamento não será muito vulgar vir a encontrar-se!

E nesse dia 22 de Setembro de 1531 o nosso SARDOAL recebeu a sua "carta de alforria".

Claro que tão incontável surpresa deixou a Câmara de Abrantes extremamente fúla e espinhada, até pelos termos um pouco ditatórios em que a apatção era feita. E, assim, mal refeitos, ainda, desse desapontamento, reclamaram directamente a D. João III, manifestando-lhe o seu desagrado, dizendo, inclusivamente, que "o Rei os agravava muito" com aquela sua deliberação, pois lhes tirava o Sardeal "que era a melhor coisa que a vila de Abrantes tinha":

E muito curioso este protesto, que se pode ler, em cópia directa, na Torre do Tombo (Corpo Cronológico, Parte I, maço 47, doc. 95).

## ASSEMBLEIA GERAL

Realizou-se no último domingo de Outubro a última Assembleia Geral ordinária da Santa Casa da Misericórdia, no ano corrente.

O ponto nuclear era a discussão e eventual aprovação do Plano de actividades para 1997 e a metodologia a ter em conta com todas as propostas nele contidas.

Com a devida antecedência, a Secretaria da Misericórdia pusera à disposição de todos os Irmãos exemplares do referido Plano com a distribuição pelas diversas rubricas com que se previa ir dando curso às iniciativas programadas.

Não obstante, durante a sessão foram pormenorizados todos os pontos sobre os quais recaíram os naturais pedidos de esclarecimento.

A assistência era numerosa e os trabalhos foram sempre seguidos com o maior interesse e atenção. Com efeito, vem-se reparando que está a dar-se uma grande revitalização da Irmandade e um empenhamento, cada vez mais activo e diligente, da parte dos Irmãos pela sua Santa Casa.

Depois de todos os pontos devidamente esclarecidos e aclarados, o referido "Plano de Actividades para 1997" foi posto, então, à votação geral.

E foi aprovado unanimemente por toda a vasta Assembleia.

## Falando de quotas

Sendo de um quantitativo pouco mais do que simbólico, mal se compreende que alguns Irmãos da Santa Casa vão esquecendo sistematicamente essa alínea do Compromisso!

## DURA VERDADE

Nunca chegaremos  
a amar o suficiente  
os nossos semelhantes.

## AZULEJOS da MISERICÓRDIA

Os belos frisos de azulejos da nossa Igreja da Misericórdia, considerados como exemplares de grande raridade pela indiscutível autoridade do grande cultor de Arte, que era o Eng. Santos Simões, foram recentemente examinados, "in loco", por duas técnicas especialistas do Museu do Azulejo, com vista à sua adequada conservação, pois apresentavam indícios de possíveis destruições, devido à infiltração de águas, nas paredes colectoras.

As obras de restauro vão iniciar-se em breve, ao que foi prometido. A não ser que surja, entretanto, algum óbice ou impasse burocrático -como, nos últimos tempos, vem sucedendo em muitos organismos públicos de decisão superior...

# Melhoramento

Dando seguimento a uma sugestão apresentada pela Mesa Administrativa da Misericórdia, a Camara Municipal mandou implantar duas filas de lâmpadas de grande potência luminosa ao longo de todo o acesso empedrado que conduz ao Mosteiro de Santa Maria da Caridade.

De facto, esse pavimento, feito de velhos seixos do Tejo, é extremado, tanto do lado sul como no topo norte, por dois extensos lanços de degraus em pedra -o que oferecia certas dificuldades de acesso, não somente aos utentes e internados do LAR e do CEN TRO-de-DIA, como ainda, e inclusivamente, aos muitos fiéis que, mesmo ao fim do dia e pela noite já entrada, vão orar ao Senhor Jesus dos Remédios.

# Embuste & Hipocrisia

(Conclusão da 2ª página)

As casas de habitação, muito frequentemente, passaram a ser pouco mais do que simples dormitórios, uma espécie de camarins, semelhantes aos dos teatros, onde os actores e as actrizes se ataviam e embonecam e se mascararam para representarem perante o público; inclusivamente, até as próprias refeições diárias, que eram por tradição um ponto de encontro da família, se transferiram, por comodismo e simplificação, para os restaurantes -quantas vezes, até, abreviadamente, para as mesas corridas dos "sacks" e crossanterias...

É certo que a hipocrisia, a mentira, a fraude, sempre existiram, desde que o mundo é mundo, numas épocas e numas camadas mais do que em outras mas nunca com aspecto tão generalizado, tão extenso e tão profundo como nos dias que atravessamos.

A crise moral da nossa civilização actual é incomparavelmente mais vasta e mais grave do que em qualquer outra época da História. Disso não tenhamos dúvidas!

Se nos detivermos, com isento e racional aprofundamento, na pesquisa e detecção objectiva das causas e motivos que não levado a este tão grande descalabro, encontraremos na sua génese esta razão basilar, tão aparentemente simples quão altamente responsável: -a perda, num ascendo cada vez mais galopante, do verdadeiro e autêntico sentido da vida humana!

O Homem passou a ser escravo da matéria. Unicamente. Esqueceu-se de que tem uma alma a salvar, voltada de frente para o Infinito da Eternidade.

E não há sido para vir a desempenhar papéis tão tristemente inúteis e frívolos, que nada valem para o seu destino futuro, que o mesmo Homem recebeu de Deus o sopra da Vida e o dom maravilhoso da inteligência.

Essa materialização tão rasteira da vida humana, no esquecimento, melhor dizendo, no abandono de Deus, da sua realidade Omnipotente, acabará por levar muitas e muitas almas à perdição. Inexoravelmente!

MB.

# BEM HMMR O PRÓXIMO

Todos os sardoalenses conhecem bem a figura donosa e aprumada do Senhor Comandante José Martins.

Natural de um grande bairro citadino, quise a dois passos da nossa Vila, ele é, também, ligado directamente pelo casamento, a uma ilustre família de Sardoal. E conterrâneo "honorário" pelo seu entranhado devotamento a esta terra.

No passado dia 8 de Dezembro, o Comandante Martins celebrava o seu 90º aniversário. Foi seu empenho confraternizar com grande número dos seus Amigos, incluindo conterrâneos nossos, que recebeu no Palácio Seixas, de Cascais -grande e vasto cenáculo onde se reúne, por norma, a oficialidade da Armada.

Presumindo que os seus convidados lhe quisessem oferecer as naturais lembranças de circunstância, escreveu-lhes antecipadamente exprimindo o desejo de que lhe não trouxessem algo. Mas, temendo, porém, que a insistência dos amigos ousasse quebrar a sua vontade, pediu-lhes (com a humildade das almas grandes!) que, ao menos, lhe satisfizessem um grande empenho: -que cada um convertesse em dinheiro a importância da oferta a trazerem-lhe e lha entregasse, em envelope fechado que, depois, distribuiria a pobres e necessitados.

E assim todos vieram a fazer -louvando, naturalmente e como bem se compreende, a beleza de tão inusitado gesto de filantropia.

Desta ideia, tão originalmente posta em prática, puderam vir a beneficiar algumas famílias mais carenciadas e cheias de dificuldades que tiveram, afortunadamente, um Natal menos penoso e amargurado.

Este acto de puro amor ao Próximo, tão dignamente assumido e realizado pelo nosso ilustre conterrâneo, aqui fica descrito muito singelamente, em traços pouco mais do que esquemáticos. Mas cada um dos leitores saberá meditar, por si, na beleza transcendente de tão significativo e belo gesto!

Ah, ainda um pormenor completo: - o Comandante José Martins é um dedicado Irmão da nossa Santa Casa da Misericórdia. B.

# VISITAS AO LAR

Dias úteis: 14 às 16 horas  
Sábados e Domingos: 14 às 16 horas  
17 às 18 horas.

## boletim Informativo da Santa Casa da Misericórdia de SARDOAL

Director: Anacleto da Silva Baptista

Edição e Propriedade: Santa Casa da Misericórdia de SARDOAL

2230 SARDOAL

Depósito Legal nº 24.707/88